



49ª EDIÇÃO

Giselda Laporta Nicolelis

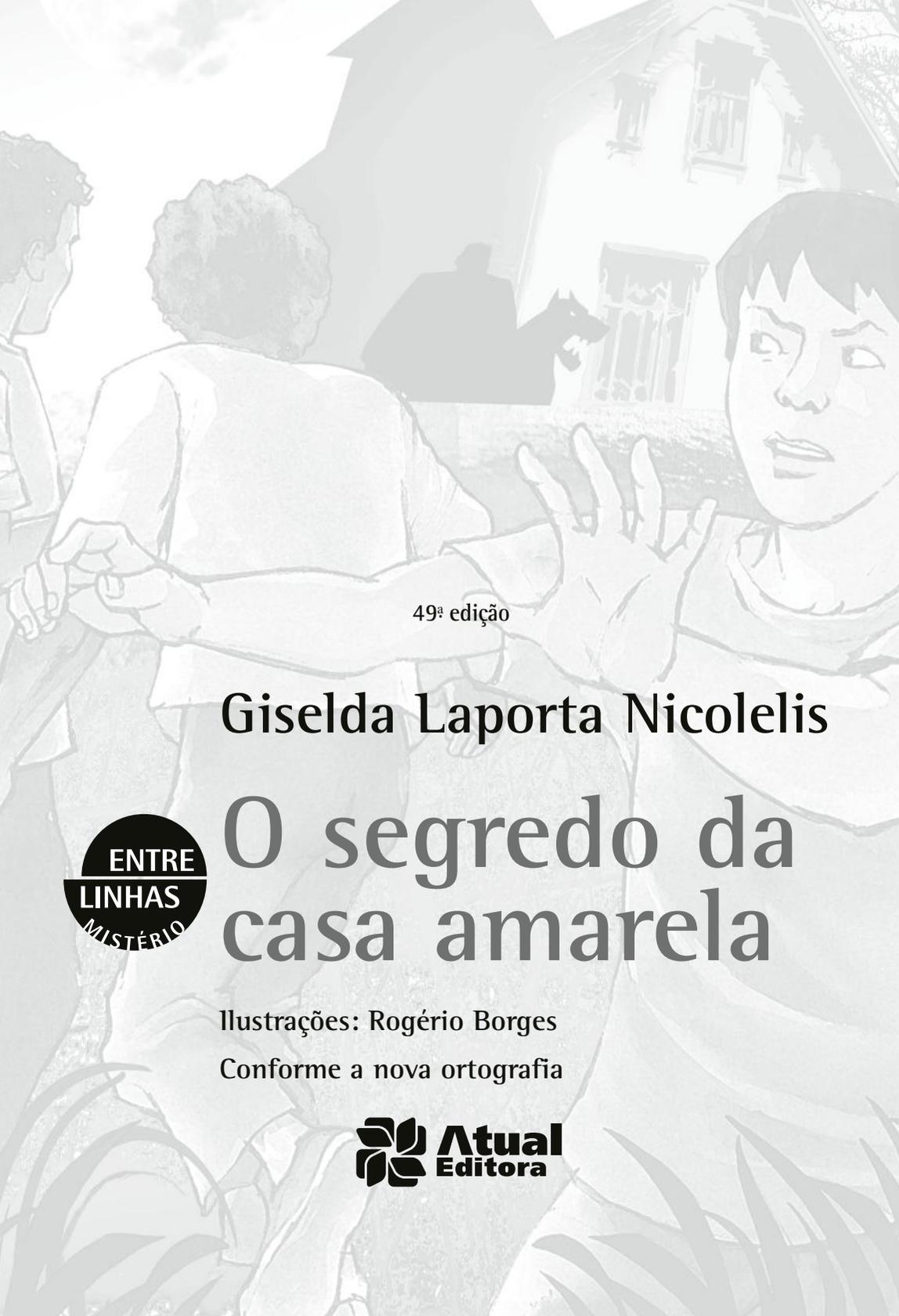
ENTRE
LINHAS
MISTÉRIO

O segredo da casa amarela

Ilustrações: Rogério Borges



Atual
Editora



49ª edição

Giselda Laporta Nicoletis

O segredo da casa amarela

ENTRE
LINHAS
MISTÉRIO

Ilustrações: Rogério Borges

Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Pedro Cunha Júnior (coord.) / Elza Maria Gasparotto / Elaine S. Raya

Maria Cecília Kinker Caliendo

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • José Maria de Oliveira

Diagramação • Lucimar Aparecida Guerra

Produção gráfica • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Veio Libri

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nicolelis, Giselda Laporta

O segredo da casa amarela / Giselda Laporta
Nicolelis; ilustrações de Rogério Borges. 49ª ed. –
São Paulo : Atual, 2009. – (Entre Linhas: Mistério)

ISBN 978-85-357-0270-5

1. Ficção policial e de mistério – Literatura in-
fantojuvenil 2. Literatura infantojuvenil I. Borges,
Rogério. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

11ª tiragem, 2017

Copyright © Giselda Laporta Nicolelis, 1987.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810380

CAE: 576000

Todos os direitos reservados.

Sumário



Um garoto muito esperto 5

Uma turma do barulho 7

Procurou... achou! 9

Mãe é fogo! 11

Uma proposta inesperada 14

Afinal, que emprego é esse? 17

Arquitetando um plano 20

Mais mistério pra complicar 22

Tem coisa estranha no pedaço... 24

Por essa ninguém esperava 26

Dona Malvina cobra explicações 29

A mãe entra no esquema 31

Um quarto muito suspeito 33

De quem será o gemido? 36

Pondo o plano em prática 38

Uma ideia dez 40

Escolhendo o espião a dedo... 42

Todo mundo (mesmo sem saber) colabora 45

Situação de risco... 48

Improvisar é a alma do negócio! 50

Uma nova (e poderosa) aliada 53

A coisa se complica 55

Usando a cabeça 58

O perigo ronda a turma 60

Um mar de dúvidas... 63

Começando a destrinchar o mistério... 66

Ciladas acontecem 69

Sequestro ou queima de arquivo? 71

Uma terrível ameaça! 73

A ajuda vem de onde menos se espera 75

Bate o desespero na turma 77

O sumido retorna 80

Muitas coisas se esclarecem... 82

...mas ainda há outras coisas misteriosas 85

Enfrentando o perigo 88

Uma cova no jardim!? 91

A grande surpresa! 93

A verdadeira história 96

Hora do xeque-mate 98

A lei entra em ação... 100

Tudo é bom quando acaba bem 102

A autora 105

Entrevista 106

Um garoto muito esperto



Wanderlei chegou da escola e foi atirando a mala no sofá. A mãe chamou lá da cozinha:

– Venha me ajudar!

– Agora, mãe? – reclamou o menino. Justo hoje que ele decidira jogar futebol lá no campinho.

– Tenho de entregar esses brigadeiros pra festa da dona Elvira – disse a mãe. – E garantir a feira de amanhã.

– Tá bom – resmungou, indo lavar as mãos.

A mãe era muito exigente em matéria de limpeza. Se visse as mãos sujas, ia ser aquele falatório.

– Enrole miúdo, filho – reclamou dona Malvina, vendo sair das mãos do Wanderlei um brigadeiro tamanho família.

– Miúdo não sei, mãe.

– Sabe, sim, senhor. Se é pra eu fazer tudo de novo, não precisa. Quem não ajuda não atrapalha.

– Credo, mãe, que braveza.

– Braveza, nada, filho, é pressa.

– Assim tá bom?

– Esse tá nanico demais; capriche, menino.

O futebol estava perdido mesmo, o jeito era ajudar a mãe a terminar de enrolar os brigadeiros. Afinal, era com a profissão de quituteira que ela sustentava a casa, desde que o pai tinha morrido naquele acidente com o ônibus do qual ele era motorista, deixando uma pensão mixuruca. Os três irmãos menores só davam trabalho, ele com

treze anos é que dava um duro danado, entregando encomenda, comprando material nos lugares mais baratos, enquanto a mãe fazia os doces e salgados.

– Assim tá melhor.

– Quantos, mãe?

– Mil.

– Vão convidar a vila inteira?

– Sorte nossa, filho.

– Alugaram a casa amarela em frente ao campinho – disse o Wanderlei, de repente.

– Alugaram, é? – interessou-se a mãe. – Custou, hein?

– Tem um movimento danado agora por lá – continuou o menino. – Um entra e sai de uns homens mal-encarados, que olham pra todos os lados antes de entrar na casa.

– Ué – estranhou dona Malvina –, só tem homem? Mulher você não viu nenhuma?

– Nenhuma – disse o menino. – A senhora sabe como eu sou curioso. Deixei até passar um gol e aguentei a xingação da turma, de tanto que fiquei de olho na casa.

– Gozado. Olhe, filho, não quero você fuçando por lá. Deus me livre de arranjar encrenca.

– Que encrenca, mãe, olhar só, que mal tem?

– Sei lá; você disse que são uns homens esquisitos.

“Como esses mil brigadeiros se não descobrir”, pensou o Wanderlei, roxo de curiosidade. Mas não falou nada pra mãe, pra não deixá-la preocupada.

Algum tempo depois, dona Malvina pediu:

– Vá entregar pra dona Elvira. E receba o pagamento certinho. E volte direto pra casa pra não perder o dinheiro.

O Wanderlei colocou o tabuleiro na cabeça:

– Vou demorar um pouco, mãe...

– Direto pra casa! – repetiu ela, com aquele tom de voz que ele bem conhecia e trazia implícito outra frase: “Senão você já sabe...”.

Passou pela porta da cozinha equilibrando o tabuleiro. E foi pelo caminho mais comprido, que passava pelo campinho.

Uma turma do barulho

– Ei, Wanderlei! Pare, seu! – gritaram os amigos, quando ele passou, tabuleiro na cabeça.

– Tô com pressa, turma. Daqui a pouco eu volto.

– Dê uns doces pra gente, seu unha de fome.

– Chegue pra lá – avisou o menino. – Se eu tirar um brigadeiro, minha mãe me esfolo vivo.

– Brigadeiro, é? – O Camaleão, um metro e oitenta de músculo e cabelo *black power*, veio se chegando. – Eu adoro brigadeiro...

– Deixe o Wanderlei em paz. – O Zarolho pôs a mão de leve no ombro do Camaleão. No ombro é forma de dizer, que ele não alcançava, pôs a mão no meio do braço.

– Saia, nanico.

– Nanico é a mãe – falou o Zarolho, entortando mais ainda os olhos de raiva.

– Não compre briga, Camaleão. – A turma do deixa-disso veio apartar. Eles sabiam muito bem que o Camaleão só tinha tamanho e cabelo. O duro na queda mesmo era o Zarolho, com seu metro e sessenta, mas uma capoeira de derrubar qualquer um. E para piorar as coisas, o Wanderlei era o protegido do Zarolho. Briga com o Wanderlei o Zarolho comprava à vista e ainda pagava adiantado.

– Tá bom, esqueça – reclamou o Camaleão, sossegando. Aliás, o humor instável é que lhe garantira o apelido.

– Volte depois pra jogar com a gente – convidou o Zarolho.

– É só entregar a encomenda que eu volto. Tô formigando pra descobrir o que tem nessa casa.

– O movimento começou faz meia hora – confirmou o Zarolho.

– O que será, hein, companheiro?

– Sei não, mas vou descobrir.

Dona Elvira era uma boa freguesa. Pagou na hora, direitinho. Wanderlei dobrou cuidadosamente o dinheiro e guardou-o no tênis,

que amarrou bem amarrado. Ali o dinheiro estava seguro. Com uns trocados que tinha no bolso comprou um sorvete no bar do seu Manoel, que também era freguês dos doces e salgados de dona Malvina, só que pechinchava no preço que era uma barbaridade. O Wanderlei tinha uma bronca sentida do seu Manoel. Até sonhava que havia crescido e ficado um brigador da qualidade do Zarolho só pra encarar de frente aquele mão de samambaia.

– Avise dona Malvina que a encomenda é pra sábado – falou o seu Manoel. – A feijoada está marcada para o meio-dia.

– Pagamento à vista, né?

– Tanta pressa, menino?

– A gente come, sabe como é? O senhor vende fiado aqui?

– Ande lá, menino, eu pago à vista. Só porque a feijoada que a dona Malvina faz é a melhor do bairro.

– Dá umas balas de quebra?

– À vista, à vista! – gritou o homem, enfezado.

Wanderlei se raspou às gargalhadas. Ele gostava de tirar um sarro do seu Manoel.

Voltou correndo para o campinho. Tiraram o Farofa do gol, o menino saiu reclamando; era só o Wanderlei chegar, ele perdia a posição.

– Quem manda ser frangeiro!

– Frangeiro é a vovozinha!

– Não chie, não chie. – O Wanderlei estufou o peito magro. – O gol é meu, companheiro, isso é coisa velha, sabida e mastigada.

– Ontem você é que deixou passar um frango, frango é apelido, deixou passar um galo – reclamou o Farofa. – Tudo por causa dessa porcaria de casa.

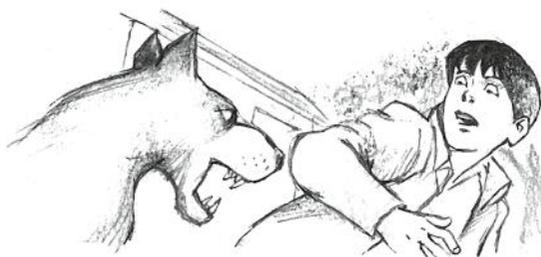
– Meta o nariz na sua vida!

– Você me paga!

– Como é, a gente joga ou não joga? – falou grosso o Camaleão.

– Joga – comandou o Zarolho. – Cadê o juiz?

Procurou... achou!



Wanderlei rodeou a casa, sozinho e a medo. Tudo quieto àquela hora da tarde, quase noite, o campinho agora deserto da molecada que jogara futebol a tarde inteira.

Uma vontade roída de entrar lá dentro, descobrir o mistério daqueles homens mal-encarados. Lembrou do conselho da mãe. Bobagem, mãe é assim mesmo, cismada, ainda mais ela que é mãe e pai ao mesmo tempo, vive assustada gritando pelos filhos, enquanto enrola os doces e salgados.

O que podia acontecer? Vai ver era tudo cisma dele e do Zanolho, na casa não tinha mistério nenhum, era só uma gente feia, ninguém tem culpa de ser feio, mas ele precisava tirar a dúvida, ah, isso ele precisava. Era curioso por natureza. Dona Belinha, professora lá da escola, até lhe pusera um apelido.

– Menino xereta!

Mas, se ninguém fosse xereta, como é que ficava o mundo? Ela mesma não tinha explicado que foi a curiosidade que movimentou tanto cientista, tanto descobridor, tanta gente que mudou o mundo, que virou o mundo de cabeça pra baixo por causa das descobertas que fez? Tudo pela xereticice. Vai ver quando ela dizia que ele era um menino xereta estava fazendo elogio e não botando defeito, porque curiosidade só podia ser sinal de inteligência.

Olhou para o portão da casa; será que estava trancado? Um silên-

cio por ali. Antes, no jardim agora abandonado, havia uma roseira tão bonita carregada de rosas amarelas.

Também achou falta da campainha que havia ao lado do muro, desde o tempo em que morava ali a família do seu Carlos: ele morrera de repente, coitado. A viúva e os filhos então alugaram a casa e mudaram do bairro.

Onde já se viu casa sem campainha? E com tanto movimento como esta? Espiou, espiou, não viu mesmo a campainha. Tomou coragem, forçou o trinco do portão, que abriu sem dificuldade.

Foi pondo o corpo de fininho pra dentro do jardim, olhando para todos os lados. Nem ele mesmo sabia o que procurava. Se aparecesse um dos homens, morreria de medo.

A sombra saltou sobre ele de um jato, ele nem teve tempo de gritar. Caiu com o peso, a coisa negra, enorme sobre ele, o pavor crispando a garganta, enquanto uma voz de homem gritava:

– Largue, Faisca, largue!

Sem fala, horrivelmente assustado, sentiu a coisa sair de cima dele, o homem se chegando:

– Está louco, menino, se eu não estivesse por perto, você já era!

– Que é aquilo? – A voz saiu fininha, engasgada.

– Um cão muito feroz, um *dobermann* – disse o homem. – É treinado para matar. Depois que ele fecha a mandíbula, só mesmo um veterinário para abri-la.

– Minha Nossa Senhora! – gemeu, levantando-se. – Eu me enganei de casa, moço, pensei que era a casa do meu amigo.

– Enganou mesmo? – perguntou o homem, desconfiado.

– Pois é, a casa do seu Carlos. Eu sou amigo do filho dele, faz tempo que não venho.

– Ah, sim, seu Carlos morreu e a família alugou a casa.

– Puxa, ele morreu? – Espanou a poeira da roupa. – Que pena, um homem tão bom.

– Não conheci, aliás, não conheço a família. Só sei o que a imobiliária contou.

– O senhor não sabe onde eles moram agora?

– Não. E olhe, menino, um aviso. Se tem amor à vida, nunca mais entre aqui desse jeito.